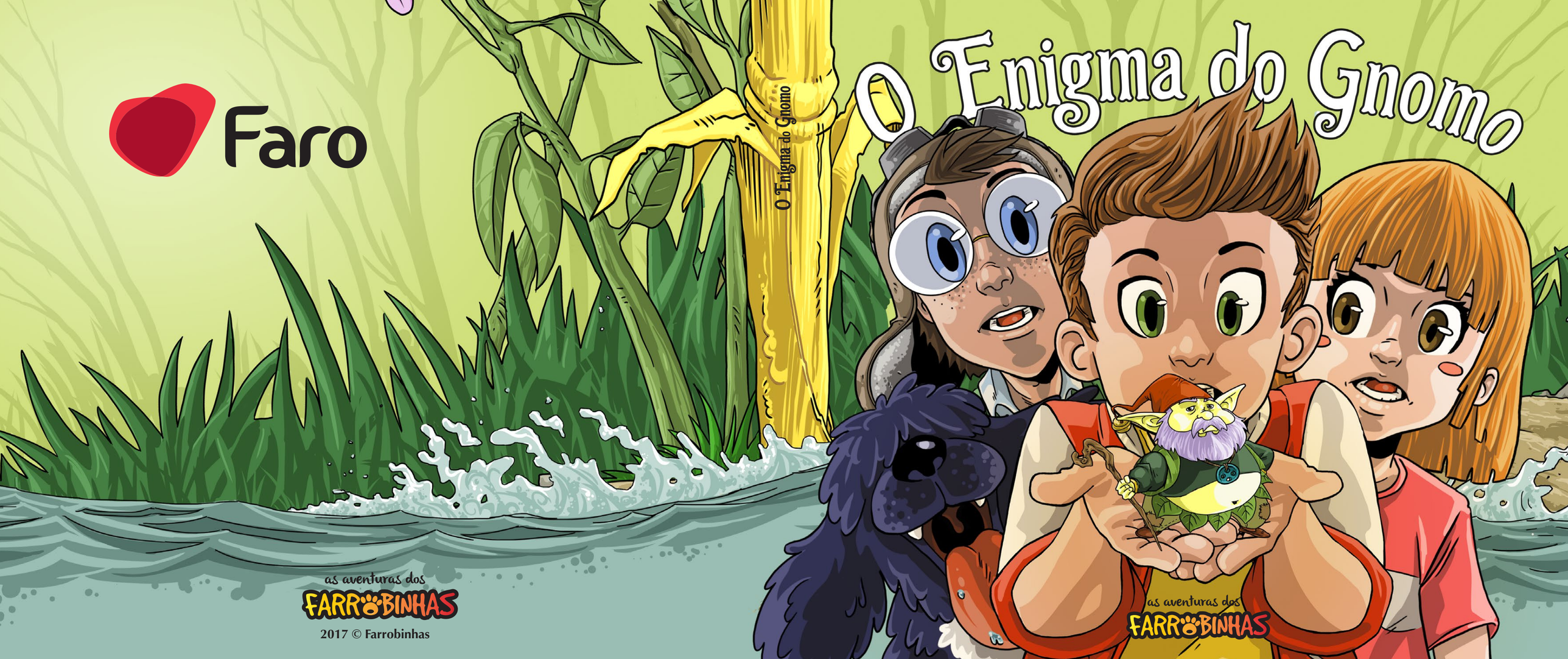
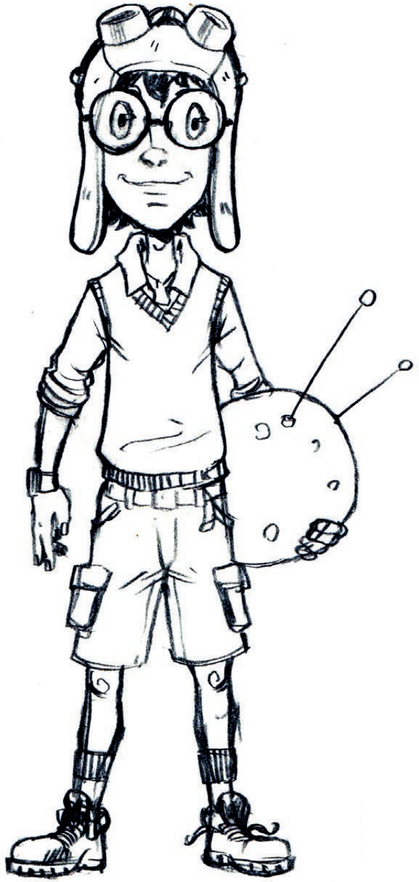
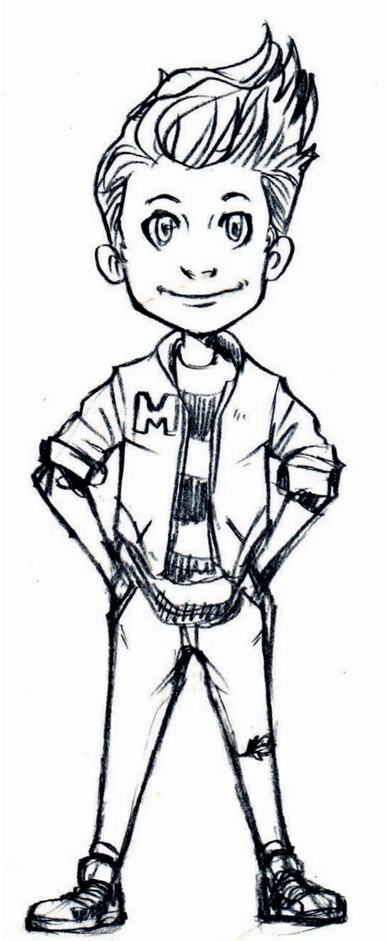

Faro
O Enigma do Gnomo
O Enigma do Gnomo
as aventuras dos
FARROBINHAS
2017 © Farrobinhas
as aventuras dos
FARROBINHAS





Ficha Técnica

Projeto **“As Aventuras dos Farrobinhas”**
Título do Livro **“O Enigma do Gnomo”**
Ano **2017**

Conceção e Produção para **Município de Faro**
Coordenação Técnica de Projeto de **Paulo Santos**

Conceção e Produção de **Associação de Designers do Sul**
Direção Criativa de **Bruno Boto**
Storyboard & Conceitos Visuais de **Fernando Madeira**
Ilustração a Lápis de **Carlos Rocha**
Ilustração a Caneta de **Paulo Montes**
Pintura & Arte Final de **Filipe Coelho**
Design & Pintura Base de **Carolina Mexias, Ricardo Nunes e João Miranda**

Texto de **Bruno Boto**
Revisão de Texto por **Rita Guapo**
Revisão Final por **Sandra Martins (Biblioteca Municipal de Faro)**

Impressão de **Gráfica Maia Douro**
Tiragem de **4000 exemplares**
Depósito legal: **434 524/17**
Distribuição gratuita

Os Farrobinhas voltaram!

Há fórmulas que nascem de equações simples. Juntar o que de mais valioso temos no nosso concelho, as nossas crianças, e somar-lhes um instrumento de conteúdo altamente pedagógico e, simultaneamente, lúdico.
Os Farrobinhas respeitaram, nas suas já 3 versões anteriores, uma vincada intenção da parte do Município de valorizar e defender o nosso património, pelo incremento de uma série de valores e condutas que, entre outros, potencializam o estímulo do sentimento de pertença e do reforço do orgulho farense, pelas mãos dos seus personagens. Estes são, de há um ano a esta parte, os heróis de uma nova geração de pequenos farenses que continuarão a acompanhar o seu crescimento e os ajudarão a consolidar personalidades mais responsáveis, solidárias e humanas.
Se esta iniciativa é filha de uma vontade expressa do Município, é por outro lado apenas possível porque há em Faro e no Algarve uma ADS (Associação de Designers do Sul), dotada de competências e talentos ímpares e que nos elevam estas ilustrações para patamares de qualidade incontestáveis.
Dos novos aos graúdos, é cada vez mais um orgulho tremendo fazer parte de uma casa e de uma família que tem de nome um único sentimento: Faro.

Projeto financiado por:

Faro

as aventuras dos

FARRÔBINHAS

© 2017 Município de Faro

O Enigma do Gnomo

O inverno aproximava-se mas não havia ainda sinais de chuva. Os Farrobinhas queriam passar uma manhã diferente, pelo que decidiram explorar o pinhal do Ludo e respirar o ar puro da Ria Formosa. Ana procurava diferentes plantas secas para a sua coleção, enquanto o Afonso brincava com o Farroba e o Eugénio percorria a mata em busca de objetos mágicos, tarefa esta para a qual tinha inventado a sua nova engenhoca.

Andavam os Farrobinhas concentrados nas suas missões, até que um barulho estridente levou todos os olhares para a máquina do Eugénio. – *ZINGPOINGZOING!!!!*

O Eugénio ficou com dificuldade em segurar a sua invenção, que estremecia por todo o lado, emitindo luzes e sirenes agudas. O alvo era uma garrafa de plástico, meio enterrada no chão, que depressa captou a atenção do grupo.

- Boa Eugénio! Inventaste um detetor de lixo! Vai ser uma boa ajuda para a limpeza de praia do próximo Verão. - disse Ana, contente com a utilidade ecológica da última invenção do amigo.

- Humm, não percebo! Este aparelho não devia detetar lixo, mas sim objetos mágicos! – contestou Eugénio, sem conseguir disfarçar alguma desilusão.

Afonso agarrou na garrafa para a levar ao contentor de reciclagem mais próximo. Nisto, ouviu chocalhar qualquer coisa lá dentro...

- Está aqui um bicho dentro! Está aqui um bicho!!!

Do fundo da garrafa veio uma voz zangada.

- Não sou um bicho, sou o gnomo Formoso III ! O maior gnomo de que há memória... por isso fiquei preso dentro da garrafa! E agora, tirem-me já daqui!!

Sentaram-se todos no chão e Ana tombou a garrafa com cuidado, permitindo ao gnomo percorrê-la até ao gargalo. Depois, puxando pelo seu pequenino bastão, fê-lo sair de um movimento só. Ui, e se vinha zangado... Mal se viu fora da garrafa, começou a acusar tudo e todos, do que lhe tinha acontecido.

- A culpa é toda vossa! São vocês, humanos, que deixam lixo por todo o lado! E depois nós, que não temos nada a ver com isso, ficamos presos nestas coisas!
- Mas não fomos nós! – defendeu-se o Afonso.
- Os humanos! Os humanos! Ainda não aprenderam a respeitar a Mãe Natureza e parece que precisam de uma bela lição. Agora vão sentir como é ser mais pequeno... *ALABADUM, ALABADÁ, PEQUENUM, PEQUENÁ!* – e num piscar de olhos, os nossos amigos ficaram do tamanho de uma noz.

- **Assim pequenos ficarão, até conseguirem encontrar um dos maiores tesouros, que a Mãe Natureza tem para vos dar!**

– logo que proferiu estas palavras, o gnomo desapareceu numa nuvem de pó, sem deixar rasto...

O Farroba estava deliciado com o seu novo tamanho. Saltava e pulava por entre as folhas secas e tratou logo de encontrar novos amigos para brincar. Joaninhas, gafanhotos e uma lagartixa tímida que por ali passava.

Tudo era enorme. Os arbustos, as pedras, os galhos caídos no chão, até um formigueiro mais parecia uma montanha para escalar...

- E agora, o que fazemos? – perguntou a Ana preocupada.

- Pois, agora é que a arranjámos bonita! Como é que vamos descobrir do que falava o Formoso?

- Formoso III. – corrigiu Eugénio, já ansioso pela aventura misteriosa.

- Ora pois, sua majestade Formoso III, que agora nos pôs nesta bela alhada! Como é que vamos encontrar o tesouro de que falava?

- E qual é o maior tesouro que a natureza nos poderia dar? – perguntou Eugénio aos amigos. Ana foi a primeira a responder: – A água?!

- Os animais? – seguiu-se Afonso.

- Hummm, O_2? – lançou Eugénio.

- O_2???

- Desculpem, oxigénio! – corrigiu.

- Estamos bem arranjados... Como saberemos qual é a resposta certa?

Enquanto magicavam a melhor forma de sair daquela situação, não se aperceberam de que estavam a ser observados. Por detrás de um arbusto espreitava um focinho esperto, que pertencia a uma raposa pequenina de pelo lustroso, cor de mel. O Farroba, com o seu faro apurado, começou a ladrar tentando afugentá-la. Os amigos, que eram agora pouco maiores do que uma bolota, ficaram ainda mais assustados e não tiveram outra alternativa senão começar a correr. Assim que os viu fugir, a raposa, que só queria brincadeira, depressa correu atrás deles.

- O que fazemos? - perguntou Ana enquanto corria, tentando desviar-se das folhas secas.

- Para a água! Para a água!!! – gritou Eugénio! – as raposas não sabem nadar!

- Estamos perto da Ria. – avisou Afonso, ofegante. - Sigam-me, é para este lado.

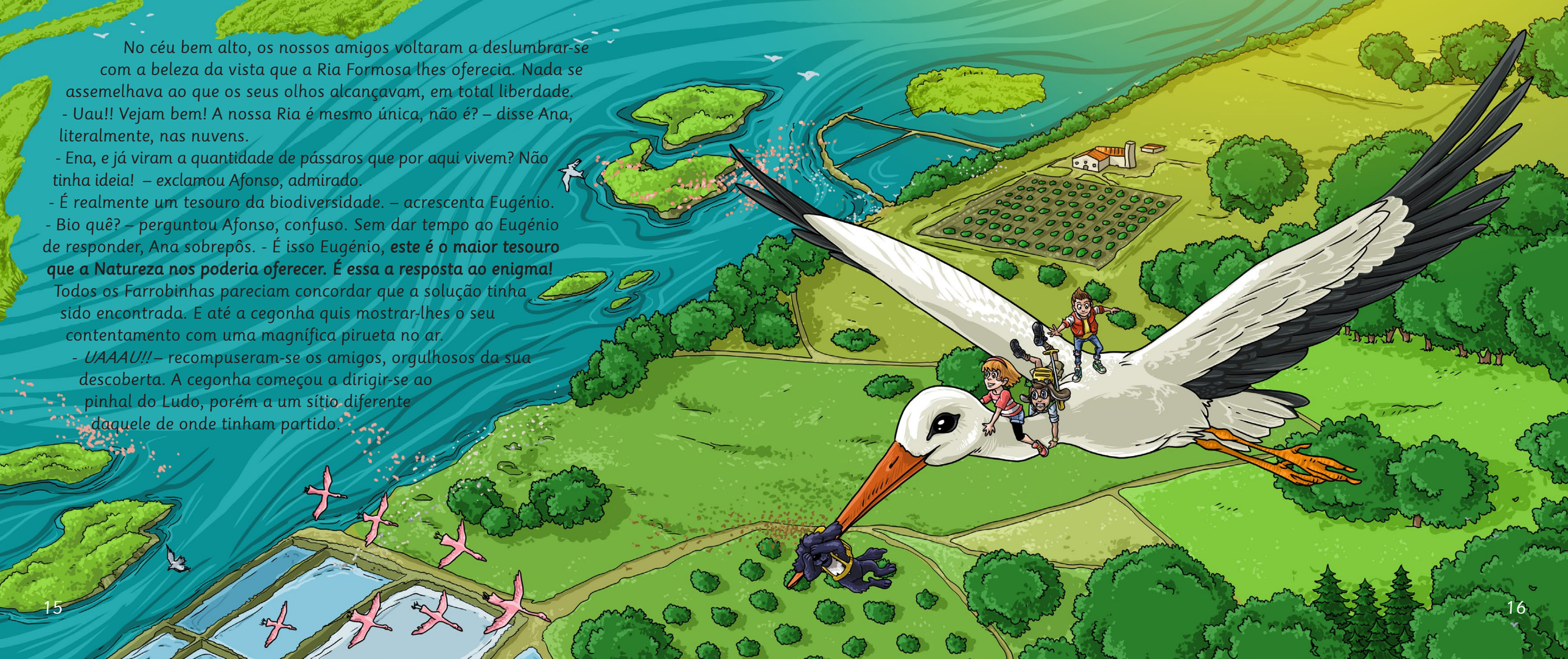
Já perto da margem, todos saltaram para dentro de água.

Já dentro de água, respiraram de alívio por terem escapado do seu primeiro grande perigo enquanto gnomos estreantes.
Como a maré estava a vazar e a corrente era muito forte, depressa começaram a ser arrastados pelas águas. Com destreza, Afonso conseguiu agarrar um pequeno tronco que boiava perto deles e ajudou os restantes amigos a subir à canoa improvisada.

- Acho que estamos a ser arrastados para o mar, temos de sair rapidamente daqui! – alertou Afonso.
- Podemos tentar chegar às margens do ilhote, mas a corrente está muito forte! A nadar não vamos conseguir! – acrescentou Ana.
- Mas o Farroba consegue! É um excelente nadador e certamente conseguirá puxar-nos. O Farroba, assim que ouviu Eugénio, saltou para água e agarrou com a boca um dos ramos do tronco, puxando-o para a margem.
- **Boa Farroba! És o melhor cão de água do mundo!!!** – gritaram os amigos, felizes por estarem a salvo.

- Bem, depois desta aventura, ficámos com dois problemas para resolver: descobrir o maior tesouro que a Natureza nos poderia dar e... descobrir o caminho de regresso para o Ludo. Enquanto os amigos discutiam algumas soluções para os desafios que agora tinham, ouviu-se ao fundo um som estranho e repetido...
- Que som é este?
- E se for uma cascavel? – interrogou-se Eugénio assustado, pronto a fugir novamente.
- Parece o som de castanholas e faz-me lembrar algo... – disse Ana, um pouco confusa.
- Se calhar é melhor irmos ver! – desafiou Afonso, pronto para a aventura.

Começaram então, pé ante pé, a dirigir-se para o local de onde parecia vir tão estranho ruído. E ali, escondida no meio da vegetação, encontraram uma cegonha, que batia com o bico, aflita. Ao aproximarem-se, viram que tinha as patas presas numa rede de pesca, e por isso não conseguia voar. Prontamente, os nossos amigos soltaram-na da rede, ao que a enorme cegonha agradeceu, baixando a cabeça com um gesto subtil, como se quisesse convidá-los a subir para as suas asas. Os Farrobinhas, com a coragem que lhes é característica, aceitaram o convite e agarraram-se às penas da sua nova amiga, preparando-se para levantar voo.



No céu bem alto, os nossos amigos voltaram a deslumbrar-se com a beleza da vista que a Ria Formosa lhes oferecia. Nada se assemelhava ao que os seus olhos alcançavam, em total liberdade.

- Uau!! Vejam bem! A nossa Ria é mesmo única, não é? – disse Ana, literalmente, nas nuvens.

- Ena, e já viram a quantidade de pássaros que por aqui vivem? Não tinha ideia! – exclamou Afonso, admirado.

- É realmente um tesouro da biodiversidade. – acrescenta Eugénio.

- Bio quê? – perguntou Afonso, confuso. Sem dar tempo ao Eugénio de responder, Ana sobrepôs. - É isso Eugénio, **este é o maior tesouro que a Natureza nos poderia oferecer. É essa a resposta ao enigma!**

Todos os Farrobinhas pareciam concordar que a solução tinha sido encontrada. E até a cegonha quis mostrar-lhes o seu contentamento com uma magnífica pirueta no ar.

- *UAAAU!!* – recompuseram-se os amigos, orgulhosos da sua descoberta. A cegonha começou a dirigir-se ao pinhal do Ludo, porém a um sítio diferente daquele de onde tinham partido.

Pousou as suas grandes e majestosas patas e, com muito cuidado, deixou os Farrobinhas descerem. Logo de seguida, seguiu caminho, despedindo-se dos seus amigos.

- Agora só nos falta encontrar o gnomo... – lembrou Ana

- Mas como vamos encontrá-lo no meio deste pinhal imenso? – perguntou logo o Afonso.

- Talvez com o detetor mágico? Foi assim que o encontrámos, não foi? – propôs orgulhoso o Eugénio.

Assim que ligou a engenhoca, recebeu logo sinal.

- Ena! Este sinal aqui está muito mais forte! Venham, é por aqui! - disse Eugénio, indicando o caminho, quase a tropeçar para acompanhar a forte vibração que vinha da máquina. Os Farrobinhas seguiram o sinal do detetor, até que, atrás de um enorme alecrim, vislumbraram aquilo que parecia ser uma aldeia de pessoas pequeninas.

- Só pode ser a aldeia do gnomo! – gritou Afonso.

No meio de um declive escondido, erguiam-se casinhas feitas com materiais da natureza. Folhas, caruma de pinheiro, flores secas, musgo, pauzinhos, pedrinhas. canas... Tudo servia para fazer tetos, paredes, baloiços e até pequenas piscinas, feitas com cascas de noz, que recolhiam a água da chuva. Era mesmo um mundo mágico, que os nossos amigos nunca sonharam existir de verdade.

Todos os habitantes pareciam estar numa grande azáfama, como se preparassem uma festa. A aldeia estava ricamente decorada com flores. No ar, esvoaçavam fadas e pirilampos que iluminavam cada recanto por onde passavam, trazendo ainda mais magia aquele lugar. Timidamente, Ana aproximou-se e arriscou cumprimentar uma das gnomas que por ali andava. - Olá!

- Olá! Sejam bem-vindos! Eu sou a Barretinha! E vocês? Devem ser os Farrobinhas...

- Sim! – responderam surpreendidos.

- Venham daí, vocês são os convidados de honra para a celebração do Solstício de inverno, uma festa muito importante para todos os gnomos.

Enquanto exploravam a aldeia, encontravam cada vez mais seres fantásticos. Duendes, Elfos, fadas... todos dançavam e cantavam músicas alegres à volta de uma fogueira. Havia bagas, frutas silvestres, amêndoas, nozes, frutos secos e outras iguarias trazidas de outros reinos.

- Não acredito no que os meus olhos veem e comem! – disse Afonso enquanto comia um figo seco gigante.

- É realmente fantástico! – acrescenta Ana.

De repente, a música parou e ouviu-se uma voz familiar. Era o gnomo Formoso III. - Amigos e amigas, sejam bem vindos à Aldeia Formosa! Este ano temos o prazer de acolher o maior Encontro de inverno dos Reinos da Natureza.

E para a nossa festa deste ano convidámos um grupo de humanos muito especial!

- Humanos? Como é possível? – perguntaram com indignação, alguns dos convidados.

- Os humanos deixaram de vir a esta festa há muito tempo. – disse um elfo zangado. - Eles não merecem estar aqui! Poluem as águas, queimam as florestas, atiram lixo para o chão e não têm nenhum respeito pela Mãe Natureza! – continuou o elfo.

- Concordo, mas precisamos da ajuda de todos para preservar a Mãe Natureza!

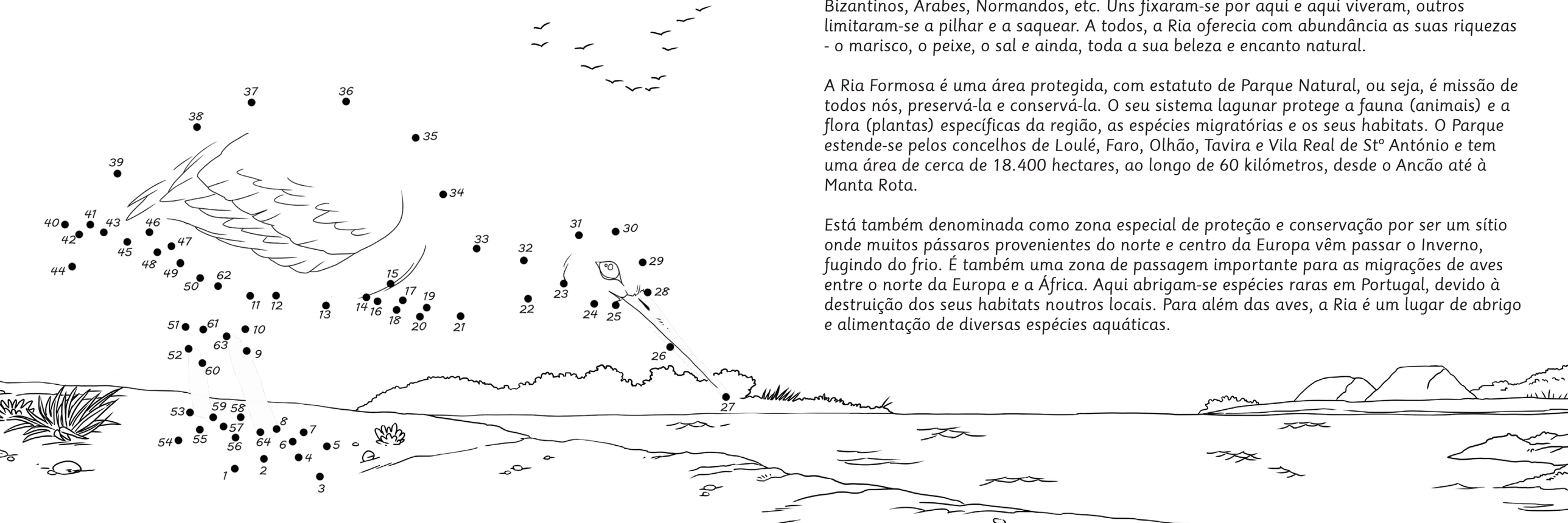
E assim o gnomo começou a contar a história de como tinha conhecido os Farrobinhas, de como o tinham libertado da garrafa de plástico e ajudado, corajosamente, a cegonha. Valorizou ainda, a sua persistência na procura da resposta ao enigma lançado por si. Os Farrobinhas receberam uma vénia e um forte aplauso. Eram, afinal, merecedores de participar em tão honrada cerimónia. E porque a Mãe Natureza sabe o que faz, até chuviscou um bocadinho para celebrar o momento.

Ao sabor da alegria e do calor dos corações de todos, a festa continuou, com muita dança, música, comida e amizade. Ficaram até ao cair da noite e quando começaram a ter saudades de casa, o gnomo Formoso III aproximou-se e, com palavras mágicas, despediu-se, dizendo:
- Só convosco poderemos salvar a Natureza...

Alabadum, Alabadá, Grandum e Atéjá!
Num piscar de olhos, os nossos amigos voltaram ao seu tamanho natural, regressando ao local onde tinham começado esta fantástica aventura.
- Esta Ria é mesmo especial! – disse Ana.
- E mágica! – acrescentaram os amigos...

Descobre o animal

Une os pontos de 1 a 64.



Sabias que...

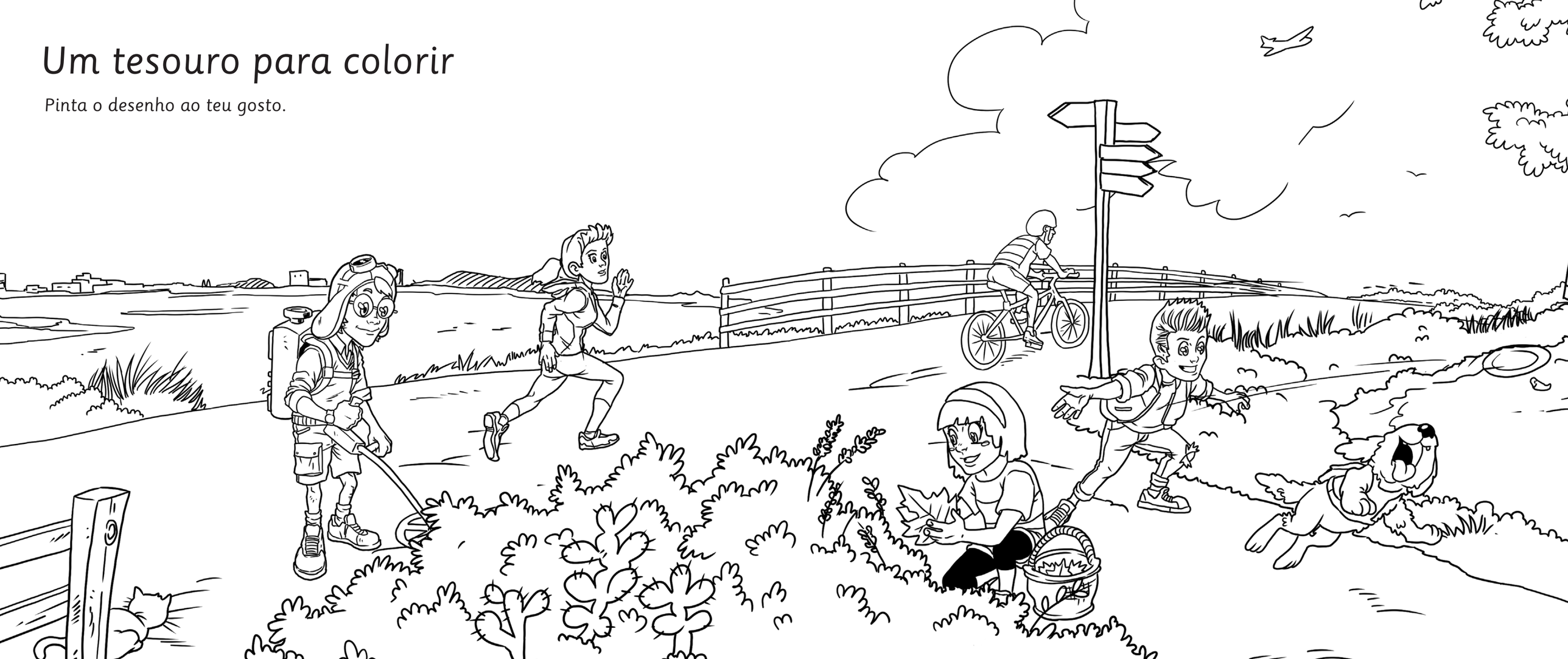
A cidade de Faro esteve desde sempre ligada à Ria Formosa. Pelas suas águas chegaram sucessivos povos - Tartessos, Fenícios, Gregos, Celtas, Cartagineses, Romanos, Visigodos, Bizantinos, Árabes, Normandos, etc. Uns fixaram-se por aqui e aqui viveram, outros limitaram-se a pilhar e a saquear. A todos, a Ria oferecia com abundância as suas riquezas - o marisco, o peixe, o sal e ainda, toda a sua beleza e encanto natural.

A Ria Formosa é uma área protegida, com estatuto de Parque Natural, ou seja, é missão de todos nós, preservá-la e conservá-la. O seu sistema lagunar protege a fauna (animais) e a flora (plantas) específicas da região, as espécies migratórias e os seus habitats. O Parque estende-se pelos concelhos de Loulé, Faro, Olhão, Tavira e Vila Real de Stº António e tem uma área de cerca de 18.400 hectares, ao longo de 60 kilómetros, desde o Ancão até à Manta Rota.

Está também denominada como zona especial de proteção e conservação por ser um sítio onde muitos pássaros provenientes do norte e centro da Europa vêm passar o Inverno, fugindo do frio. É também uma zona de passagem importante para as migrações de aves entre o norte da Europa e a África. Aqui abrigam-se espécies raras em Portugal, devido à destruição dos seus habitats noutros locais. Para além das aves, a Ria é um lugar de abrigo e alimentação de diversas espécies aquáticas.

Um tesouro para colorir

Pinta o desenho ao teu gosto.



as aventuras dos

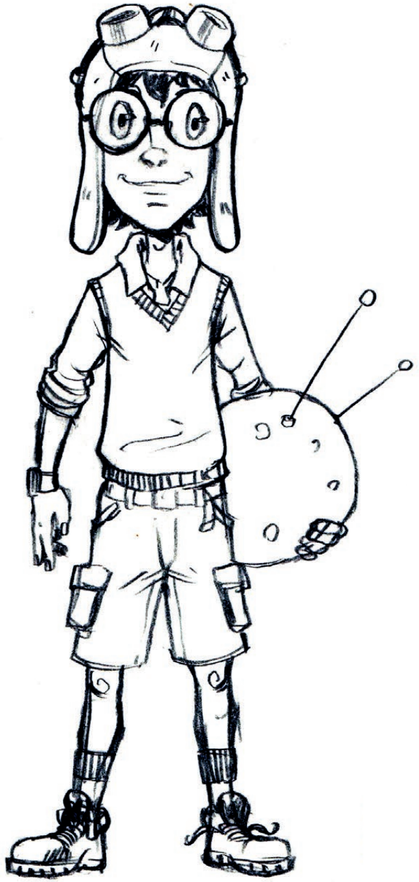
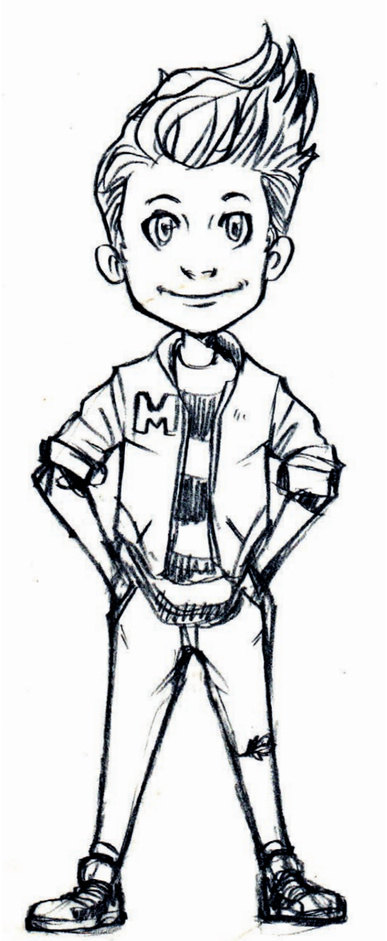
FARROBINHAS

Uma Aventura de Natal
2016

Uma Grande Cãofusão
2017

Os Segredos da Aldeia de Estoi
2017

Se te falta algum destes livros, podes solicitá-lo através deste email: gap-rp@cm-faro.pt

Faro
evoluímos consigo

Município de Faro
Largo da Sé
8004-001 Faro
289 870 870
geral@cm-faro.pt
www.cm-faro.pt
www.facebook.com/municipiodefaro